

NOVEMBRO 91
ANO II
Nº 6
GRATUITO

*Com uma abraço,
Fare'Kamus. Novo
6.12.93*

A CABRF

EDIÇÃO
ESPECIAL
TIMOR

DIRECTOR: JOSÉ DE ALBUQUERQUE

DIRECTOR ADJUNTO: TERESA GOMES

IRRESPONSABILIDADE NACIONAL !



A VERGONHA

AI TIMOR / CALAM-SE AS VOZES / DOS TEUS AVÓS / AI TIMOR / SE OS OUTROS CALAM / CANTEMOS NÓS

(TROVANTE/90)

ECONOMIA LIDEROU PROTESTOS EM COIMBRA

Solidariedade... Ainda não foi desta.

Terça-feira, dia 19 de Novembro de 1991, a comunidade estudantil coimbrã, pela primeira vez em muitos anos, quebrou o silêncio que a amordaçava. Veio para a rua manifestar a sua solidariedade com o povo de Timor-Leste.

Neste dia Coimbra congratulou-se com a aderência que esta manifestação suscitou (4000 pessoas). Por muito que se negue, esta pequena demonstração serviu, na maioria dos casos, para silenciar as vozes da consciência que bravavam já demasiado altas dentro de cada um. Consciência esta que já não se conformava com a atitude de total apatia e conformismo que os portugueses têm adoptado a este respeito. Enfim, a boa acção do dia estava feita.

A comunicação social apareceu em peso, e as "altas autoridades" de Coimbra, com os seus melhores sorrisos, juntaram-se aos "jovens conscientes" solidarizando-se publicamente com a causa nobre do povo Maubere.

Hoje, quarta-feira, dia 20, o nosso jornal prepara uma pequena edição que será distribuída gratuitamente na cidade e na universidade, e acompanhará as assinaturas recolhidas na manifestação. Mais uma vez, "solidariedade" mostrou-se uma palavra demasiado fácil. Mais uma vez, aqueles que vieram a público se fecham nos seus gabinetes almofadados e as imagens do massacre diluem-se num mar de preocupações quotidianas. Senhor Presidente da CMC, Dr. Manuel Machado, senhor Governador Civil, Dr. Jaime Ramos: solidariedade não é só a assinatura dum manifesto, na presença dos órgãos da comunicação social.

Hoje, devido à falta de meios financeiros de que dispomos, recorremos a estes "tão solidários senhores" pedindo um pequeno texto e um "avultado" apoio financeiro — 20 mil escudos. Hoje mesmo, salvo raras exceções, esse pequeno gesto de solidariedade foi-nos negado.

Teresa Gomes



Tudo começou às 9:00 da manhã na Faculdade de Economia, na aula de Gestão do Prof. Monteiro. Este, subitamente, mostra a sua supresa e incompreensão face à normalidade aparente da aula quando ainda no dia anterior o País havia parado e pasmado perante a violência das imagens do massacre timorense, do passado dia 12, transmitidas por televisões de todo o mundo. Perante tal situação e dado o facto de estarmos em dia de luto nacional (e, obviamente, académico) decidiu o referido professor não dar aulas. Comunicou esta decisão aos alunos e tentou inculcar o mesmo espírito aos colegas.

Organizou-se então um grupo de economia, multipartidário, que realizou uma reunião no mini-auditório da faculdade. Esta reunião revelou-se inconclusiva, nomeadamente no que tocava a posições anti-militaristas. Decidiu-se pela descida de Celas à Praça da República que se prolongou até ao largo D. Dinis. Formaram-se aí grupos mais pequenos, de 4 ou 5 pessoas, com a incumbência de irem apelar à solidariedade das várias faculdades. De nada serviu - estava tudo em aulas, salvo raras exceções, casos em que os professores haviam dispensado os alunos, para estes poderem assistir à Missa por Timor na Capela da Universidade.

Surgiu a ideia de fazer circular um carro apetrechado de megafone, para divulgação da iniciativa. Correu-se à DG/AAC, ainda estava quase tudo a dormir e quem se encontrava presente não conseguiu resolver o problema. Correu-se aos partidos políticos, ou fechados ou a não quererem nada com o



assunto. Correu-se enfim à Câmara, lá se conseguiu finalmente o Megafone da Casa Municipal do Desporto.

À hora do almoço, foi o divulgar da situação e dos projectos para a tarde, correu-se Coimbra de megafone em punho. Passou-se música dos Trovante. Finalmente, as pessoas começavam a aderir, ainda que mais à causa dos panfletos inexistentes por que alguns perguntavam, do que à dos timorense.

Por volta das 15 H 15 min., congregaram-se os estudantes de novo na Praça D. Dinis. Faz-se uma marcha até ao Governo Civil,

que conta com grande aderência de populares e alunos de escolas secundárias, sobretudo Jaime Cortesão e José Falcão. Redigiu-se um abaixo-assinado e recolhem-se assinaturas, planeando-se a sua entrega ao Presidente da República e ao Primeiro Ministro, possivelmente por uma delegação universitária.

À noite realizou-se uma vigília, inicialmente marcada ainda e sempre para a Praça D. Dinis. O mau tempo levou à sua deslocação para o espaço coberto entre as Químicas e as Físicas. A ideia, infelizmente, não resultou, nem de longe nem de perto, tão bem como a manifestação espontânea diurna.

De notar é a flagrante ausência da RTP durante todo o processo, em contraste com a maciça comparência de quase todos os restantes órgãos da comunicação social.

A posição da DG/AAC foi, como já é hábito, dúbia. De manhã, nada se fez; à tarde, consta que foi "magnífica", enviando todos os esforços no sentido de auxiliar ao desenvolvimento destas actividades. Porém, todos esperavam mais de uma DG que até já faz Feiras de Empresas... Cunha Ferreira, um dos alunos de Economia responsáveis pelo despoletar da tomada de posição dos estudantes, afirma mesmo: "Não duvido da boa-fé da DG, mas penso que, antes desta situação, algo mais poderia ter sido feito".

Carla Silveira



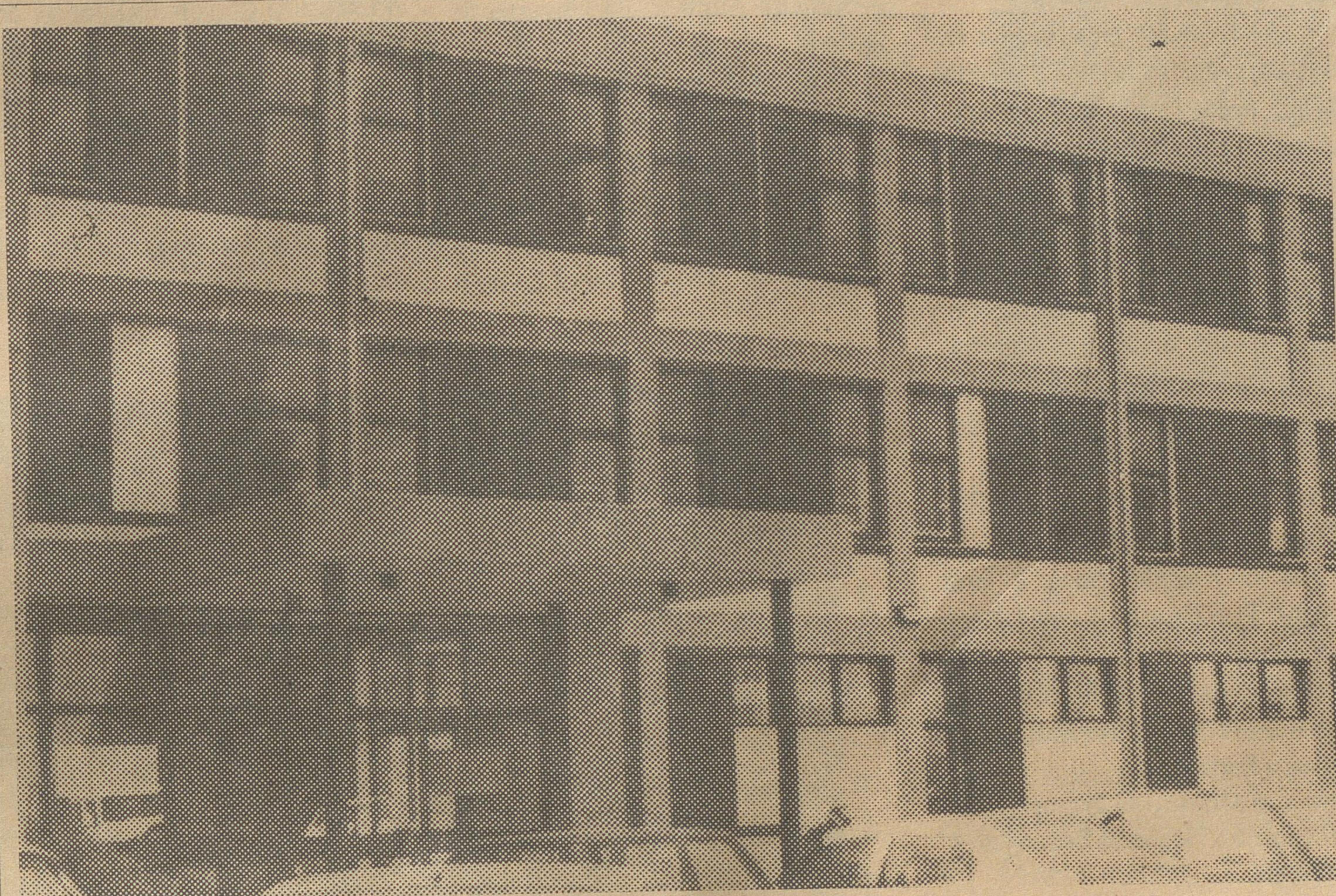
Massacres na ESAC

Alguns alunos, com o apoio da AE, propuseram que se fizesse a projeção do filme "The Shadow over East-Timor" em português e que, seguidamente, fosse provocado um debate sobre Timor-Leste. Havia quem animasse o debate, havia material de informação produzido por vários grupos de solidariedade com Timor-Leste, havia postais e autocolantes. Tudo material cedido pelo Movimento Cristão para a Paz.

Mas havia também a necessidade de criar condições para que os alunos pudessem participar na actividade (a quem não sabe informamos que os alunos da ESAC têm faltas às aulas práticas e que podem não ser aprovados se o número de presenças não for suficiente...) e a necessidade da autorização da Comissão Instaladora para que a actividade fosse levada a cabo.

Abordado no sentido de permitir que a actividade fosse realizada, o Sr. Presidente da Comissão Instaladora respondeu que sim senhor, era muito boa ideia fazer coisas sobre Timor... Sobre a tolerância das faltas:

— Isto não é motivo para isso. Falem de Timor no bar, na cantina, onde quiserem, à hora de almoço.



Eles lá em cima é o que estão a fazer. É falar nos sítios de passagem.

— Mas aqui isso não dá. Assim não é possível fazer nada porque não vai ninguém. Toda a gente tem aulas de manhã à noite e só com

uma hora para almoço...

— Uma notícia na rádio não é motivo para fechar uma Escola. Não tenho nenhum papel oficial. Não há razão nenhuma para não haver aulas. Até porque cá não há massacres! Portanto, a vida con-

tinua normalmente e se os vossos colegas de Florestais e de Agropecuária não tiverem aulas hoje têm de as ter outro dia...

— Não é preciso fechar a Escola, mas apenas não marcar faltas durante uma ou duas horas para as

pessoas irem ver o filme. Se um Dia de Luto Nacional por Timor-Leste e 200 mil mortos não são razão para falar do tema então estamos mal...

— A senhora está a fazer demagogia!

— Eu? Isso é que não!

— Eu estive preso por lutar contra o fascismo, sei muito bem como são essas coisas e estou pronto a discutir este ou outro tema com a senhora...

— O problema não é entre mim e o sr. Professor...

Pronto, na ESAC, no dia 19-11-91, dia de Luto Nacional por Timor-Leste, que não deveria ter sido comemorado com mágoas mas falando sobre o tema, não se leu nenhum comunicado nas aulas, tudo continuou na normalidade "até porque cá não há massacres...".

Bom, sempre distribuímos autocolantes que diziam "NÃO AO GENOCÍDIO, TIMOR-LESTE LIVRE!".

Filomena Oliveira

BASTA DE HIPOCRISIA

Timor-Leste. Massacre em Dili. Há mortos. Quantos? — Ninguém sabe ao certo. Sabe-se que são às dezenas.

Uma semana depois aparecem as primeiras imagens do massacre. Não se encontram adjetivos para qualificar o acto.

Há dezasseis anos que os timorenses vivem a longa noite de ocupação e dominação indonésia. O povo de Timor gritou desde o primeiro minuto da invasão indonésia. Gritou, chorou, resistiu e resiste. O mundo, esse manteve-se indiferente, como se nada de anormal se passasse.

Em Portugal o nome de Timor-Leste só andava na boca dos que se envolveram em movimentos ou associações de solidariedade; em alguns políticos e um ou outro

português que terá vivido ou visitado aquela ex-colónia.

Hoje, as imagens do massacre tiram-nos o sono. A Indonésia mostrou ao mundo a sua verdadeira face. Mostrou-se tal como ela é, sem máscara. Haverá ainda cépticos?

Muitas vozes apelam agora para a condenação da Indonésia pela violação dos direitos humanos em Timor. Só por ingenuidade ou por hipocrisia é que se pode pedir à Indonésia para que respeite os direitos humanos. A questão de Timor não pode ser, nem deve ser reduzida a uma questão de direitos humanos. A Indonésia invadiu e ocupou Timor, violando o Direito Internacional.

Ora, o povo timorense tem, como o do Kuwait, direito à auto-de-

terminação. Anseia ser livre no seu próprio território e, por conseguinte, luta contra o invasor. Este, por sua vez, não encontrou argumentos válidos para anexar Timor. Restou-lhe apenas manter-se no território à força. Como é que se pode pedir o respeito de direitos humanos a um invasor?

O Movimento Cristão para a Paz (MCP) há anos que trabalha sobre a questão de Timor. Ciente de que é um problema que diz respeito a toda a humanidade, o MCP tem trabalhado, nesta área, com todos os movimentos que apoiam a luta de Timor. Cita-se, como exemplo, a colaboração nas jornadas de Timor, organizadas anualmente na Universidade do Porto; a colaboração na criação da Plataforma Internacional de Juristas por Ti-

mor; sessões de esclarecimento; exposições, etc..

Para assinalar mais um 7 de Dezembro, dia da invasão de Timor, o MCP lançou uma campanha de solidariedade "Coimbra Cidade Humanista Solidária com Timor" que tem tido uma grande aderência. A campanha consiste na recolha de assinaturas para um texto que será apresentado à imprensa numa sessão pública, no Hotel Tivoli, às 18 horas do dia 6 de Dezembro.

Na nossa opinião, neste momento, é de suma importância a concertação de todas as acções de apoio a Timor. Nós estamos abertos à participação em actividades neste âmbito. Achamos que todos quantos queiram trabalhar neste assunto devem procurar informar-se, através da subscrição das várias publicações que existem sobre Timor-Leste.

As nossas acções devem dirigir-se à sensibilização da opinião pública, em primeiro lugar. É necessário fazer saber que a questão de Timor é uma questão de política e de Direito Internacional. Trata-se de uma ocupação de um país pelo outro.

É de referir que neste último massacre morreram cerca de 100 pessoas. Mas de há 16 anos para cá já morreram cerca de 200 mil pessoas. Será necessário correr mais sangue timorense para a comunidade internacional se decidir por um apoio activo à auto-determinação do povo Maubere? Ou assistiremos todos à extinção de um povo?... É desta ou nunca!

Leonardo Júnior
MCP

POR TIMOR-LESTE LIVRE DE INVASORES

A Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, manifesta-se profundamente indignada com a atitude da Indonésia, e incondicionalmente solidária com o povo timorense, tendo apelado às instâncias competentes para uma intervenção rápida e energica, no sentido de ajudar Timor-Leste.

Na sequência disto, o Presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, conjuntamente com outras entidades, subscreveu um apelo do Movimento Cristão para a Paz, à solidariedade com o povo timorense.

Nos dias seguintes ao massacre, veiculou aos órgãos de comunicação social o total repúdio pelo acto da Indonésia, apelando à intervenção das instâncias competentes no sentido de ajudar eficazmente o povo de Timor.

No passado dia 18 de Novembro, a D.G./A.A.C. decidiu iniciar em Coimbra uma subscrição nacional com o objectivo de sensibilizar a opinião pública e as entidades a quem compete encetar acções tendentes a solucionar o

grave problema de Timor-Leste, cujo conteúdo é o seguinte:

A Associação Académica de Coimbra manifesta o seu frontal repúdio pelos actos tresloucados cometidos pela Indonésia que tem vindo a provocar a morte do povo de Timor-Leste.

A Academia de Coimbra exige uma tomada de atitudes firmes pelas mais altas instâncias internacionais e pelo Governo Português que venham rapidamente pôr cobro a esta vergonhosa situação.

Por Timor-Leste Livre! Por Timor-Leste Livre!

Que o Mundo ouça e una esforços. Por Timor-Leste Livre!

A enviar:

- Presidente da República Portuguesa
- Presidente da Assembleia da República Portuguesa
- Primeiro Ministro de Portugal
- Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal
- Presidente da Comissão Europeia
- Presidente do Parlamento Europeu
- Presidência do Conselho da Europa
- Sua Santidade o Papa João Paulo II
- Secretário Geral das Nações Unidas
- Comissão dos Direitos Humanos da ONU
- Presidente dos Estados Unidos da América
- Presidente da União das Repúblicas Soberanas Soviéticas

—Primeiro Ministro da Austrália

—Primeiro Ministro do Governo do Japão

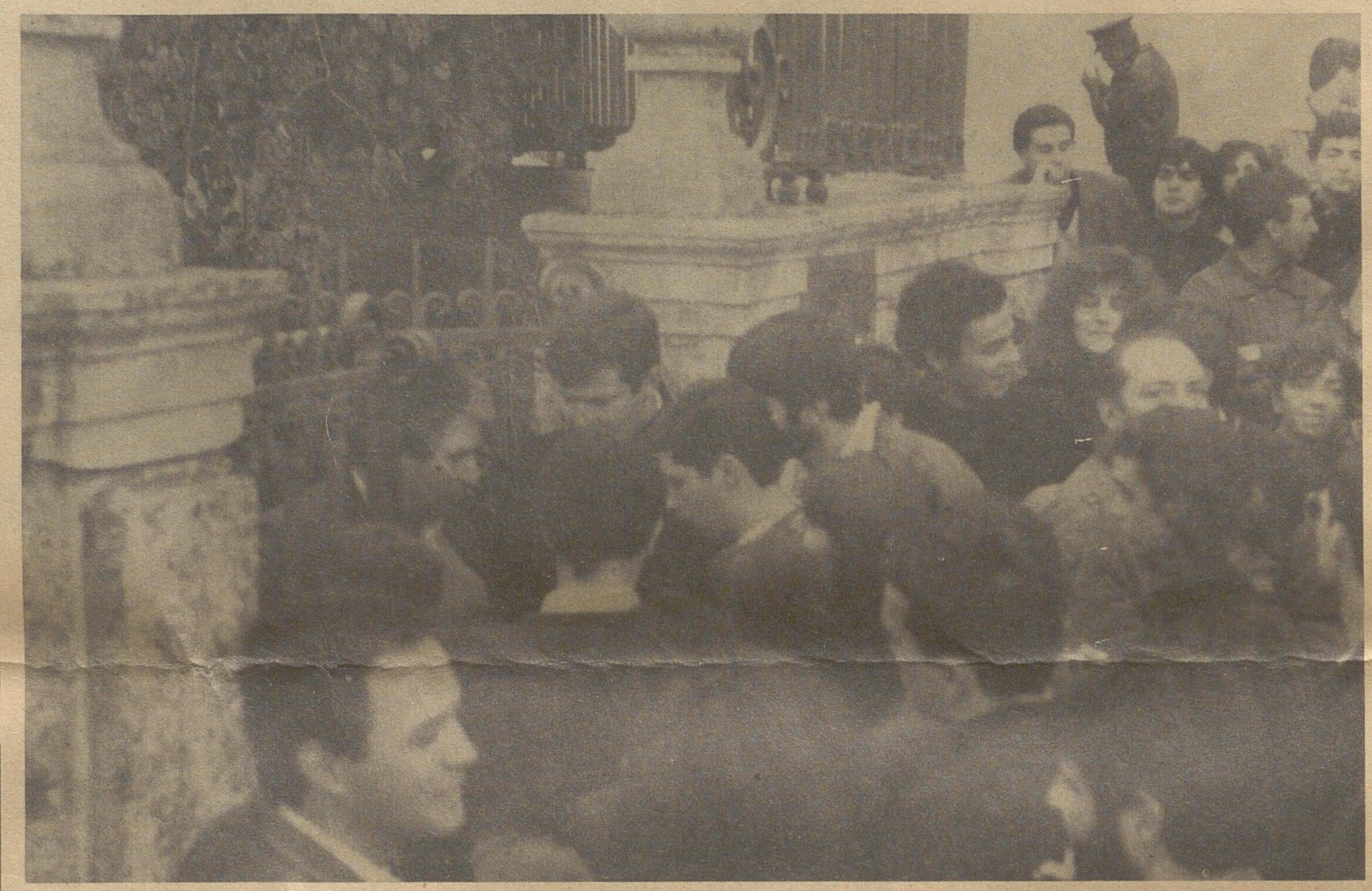
Foi também decidido iniciar contactos com outras Associações de Estudantes, para marcar uma reunião que terá lugar no próximo dia 23 de Novembro em Coimbra. Pretende-se em conjunto levar a

cabo medidas de projecção nacional no sentido de sensibilizar as entidades e instituições nacionais e internacionais com responsabilidades na resolução deste problema.

Neste contexto foi com particular regozijo que nos associámos à manifestação espontânea dos alunos da Universidade de Coimbra

bra, plena de significado, e que expressa bem o sentir dos estudantes da Universidade de Coimbra. Por fim gostaríamos de fazer um apelo, como sinal inequívoco da solidariedade de Coimbra e da sua vontade de contribuir para a Paz em Timor-Leste, para que se mantenha a união de todos os estudantes nesta luta solidária com o povo timorense, no intuito de exigir atitudes claras e eficazes a todos aqueles que de algum modo possam ajudar Timor.

Fernando Guerra
Presidente da DG/AAC



O MUNDO ESTÁ CEGO SURDO E MUDO

Timor-Leste é hoje o tema de abertura dos noticiários radiofónicos e televisivos, fazendo as primeiras páginas dos principais jornais nacionais, donde tem andado praticamente arredado nestes últimos 16 anos de ocupação indonésia (7-12-75).

Apesar das múltiplas diligências diplomáticas que Portugal, com mais ou menos empenho, tem feito junto dos Estados e Organizações Internacionais, a Indonésia tem continuado impavidamente a considerar Timor-Leste como a sua 27ª Província e a impor através da força e da repressão a sua presença mesmo contra as resoluções 384 e 389 da ONU. Mais, tem intensificado a sua brutal repressão sobre o povo Maubere, levando-a frequentemente ao genocídio quer cultural

quer físico (a esterilização das mulheres timorense é já uma prática corrente).

Dezasseis anos passaram sem que as diversas instâncias nacionais ou internacionais tivessem tido a veleidade da mais pequena adopção de medidas energicas e eficazes, que de alguma forma fossem capazes de demover o governo militar da Indonésia dos seus propósitos e garantir a autodeterminação e a independência de Timor-Leste.

A Indonésia com as suas campanhas de intoxicação propagandística tem conseguido manter a opinião pública portuguesa e internacional numa enorme apatia para este grave problema, apesar do esforço que pequenos grupos ou organizações (incluindo a própria

DG/AAC que em 1987 organizou as jornadas "Timor-Leste responsabilidade nacional" e em 1989 as jornadas "Timor-Leste Coimbra solidária" em colaboração com o Movimento Cristão para a Paz) que, mais ou menos ciclicamente, promovem acções de sensibilização com o sentido de informar e esclarecer sobre a realidade vivida pelo povo Maubere.

A barbaridade do massacre, agora perpetrado pelas tropas indonésias no cemitério de Santa Cruz é a mais cabal prova de que a liberdade e os direitos humanos são valores que não estão destinados a pertencer aos dirigentes de Jacarta.

Este massacre é apenas um dos muitos que o povo Maubere tem sofrido ao longo destes últimos 16 anos de ocupação indonésia numa

total violação dos mais elementares direitos humanos, sem que a comunidade internacional, por vezes tão pronta a condenar e a intervir em actos semelhantes se tenha sequer dignado debruçar seriamente sobre o assunto.

Mas não culpamos deste massacre e de outros passados, ou mesmo vindouros, apenas a Indonésia. O Vaticano, os EUA, e os países da comunidade europeia que têm feito de Timor uma causa perdida são moralmente responsáveis por não terem desenvolvido esforços suficientes para porem cobro a este abuso.

Hoje a opinião pública mundial confrontada com as terríveis imagens da realidade do massacre de Santa Cruz obriga os principais dirigentes políticos e o próprio Papa

a tomarem posições públicas sobre os acontecimentos. Mas que irá isso modificar a situação, se os enormes interesses económicos internacionais se continuam a sobrepor a um punhado de vidas?

Pessoalmente continuo a crer que a vida humana é bem mais importante que os interesses económicos que têm levado os principais dirigentes mundiais a fechar os olhos às atrocidades cometidas pelo governo de Jacarta.

É neste sentido que, mais uma vez, quero apelar a quem de direito, que tenha a coragem de assumir posições claras e inequívocas que tendam a resolver de uma vez por todas esta gritante violação dos direitos humanos que a todos nós diz respeito e da qual não nos podemos alhear de consciência tranquila. É que de promessas os timorense já estão, certamente, fartos. Eu pelo menos estou.

José Manuel Viegas

AI TIMOR / CALAM-SE AS VOZES / DOS TEUS AVÓS / AI TIMOR / SE OS OUTROS CALAM / CANTEMOS NÓS

(TROVANTE/90)

TIMOR-LESTE E O SILENCIO DE DEUS

Em 1987, quando se comemorava o Centenário da AAC, a DG/AAC de então foi uma das poucas vozes solidárias com esta causa, quando um manto de silêncio envolvia o genocídio deste povo. Ilustro esta realidade ao lembrar o que o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Sá Machado, me disse na altura: "A causa do Povo Maubere é uma causa perdida". Talvez tenha sido esta postura assumida pela nossa diplomacia, de então, que isolou mais Timor dos timorenses e mais Portugal das suas responsabilidades.

Defender o respeito pelos Direitos Humanos é não distinguir povos de primeira e povos de segunda. A Carta dos Direitos do Homem assinada livremente não se compadece com hipocrisias ou explicações em que se fica bem com Deus e com o Diabo segundo os interesses políticos ou económicos.

O Vaticano apregoa Deus na Indonésia, na Polónia, na África, em Portugal, mas não consegue convencer os crentes de que Deus está em todo o lado. Se fosse verdade o massacre de Dili teria sensibilizado o Papa. Mas a hipocrisia não se fica só pela Praça de S. Pedro, no Capitólio, a Administração Bush deixou cair a máscara. Não se pode defender os direitos do Kuwait e esquecer Timor. É preciso ser solidário sem latitudes.

Por outro lado, a DG/AAC não tomou posição face ao massacre e foi mesmo ultrapassada por outras associações, como a da Universidade Lusíada. É grave quando o silêncio significa indiferença. Só agora apanha o barco.

A causa do Povo Maubere é um estigma que enobrece o homem porque lhe exalta os princípios da igualdade, da fraternidade e da solidariedade.

A Associação Académica de Coimbra não se deve divorciar das razões que a engrandeceram. O seu carácter reivindicativo associado à irreverência caracterizam as referências que a tornam catedral na defesa de nobres ideais. As muitas gerações que inspiraram a transformação democrática da sociedade portuguesa devolveram-lhe o brilho inesquecível dos valores mais altos da humanidade ao eleger o Homem como o capital mais precioso do desenvolvimento. Talvez, por isso, a AAC seja merecedora da Grande Ordem da Liberdade.

António Vilhena

DEPOIMENTO SOBRE TIMOR-LESTE

Magnífico Reitor da UC

Prof. Dr. Rui de Alarcão



Tomei conhecimento e assisti mesmo a parte da manifestação de estudantes que teve lugar em Coimbra, no dia de luto nacional decretado na sequência do massacre ocorrido há dias, em Dili. Associo-me vivamente aos sentimentos da comunidade estudantil coimbrã, ao verberar a sanguenta repressão indonésia e ao solidarizar-se, como em outras ocasiões o fez, com o

povo de Timor-Leste.

Um Estado dos mais populosos do mundo, com poderosas forças militares e militarizadas, dispondo de fortes apoios e cumplicidades internacionais, e não recuando perante atrocidades e violações sem conta dos direitos humanos e do direito internacional, não consegue dominar, depois de mais de quinze anos de repressão e luta, um pequeno e desguarnecido povo, tornado, por desígnio e vontade indómita, um grande Povo. Saudemos a grandeza admirável da resistência de Timor-Leste. Portugal, que tem especiais responsabilidades, aliás constitucionalmente consagradas, deve fazer quanto possa, e talvez possa mais do que julga, mormente nos novos contextos internacionais, para

ajudar o heróico povo maubere na sua luta pela auto-determinação e pela libertação do jugo indonésio.

Que se mantenha e revigore em Timor-Leste, no meio de sacrifícios inenarráveis, o direito à esperança. E que cada um de nós procure ser, à sua maneira, um combatente da causa timorense.

TIMOR TÃO LONGE NO OCEANO

Em Dezembro de 1975, Timor-Leste foi invadido por tropas indonésias sem que as tropas portuguesas tenham feito algo para travar a invasão, antes retirando de forma vergonhosa, deixando assim o Povo timorense abandonado ao seu destino.

Só passaram 16 anos!

O Estado português pouco fez para forçar a Indonésia a retirar. Efectivamente foram votadas algumas moções no Conselho de Segurança das Nações Unidas, e uma vez por ano o assunto até subiu ao plenário. É realmente "gratifi-

cante" assistir ao marasmo da diplomacia portuguesa, deixando a Austrália reconhecer a anexação e não utilizando, por exemplo, enquanto era tempo, a Base das Lajes para pressionar os EUA a tomarem uma atitude firme. É também grave o facto de Portugal continuar a ter relações comerciais com o Estado indonésio, e ainda o facto de Portugal nada ter feito nestes 16 anos para divulgar o caso de Timor à opinião pública internacional, quando é esta que muitas vezes força os Governos a tomarem posições. É caso para perguntar

quem é que por esse mundo tem realmente informação objectiva sobre o caso de Timor. Ainda há bem pouco tempo um jornalista da RTP, referiu que nos EUA a informação disponível é escassa e incorrecta. Onde está então o esforço português no caso de Timor?

Somos uma Nação com 800 anos de história da qual nos devemos orgulhar, e contudo em relação a Timor temos vergonha. É necessário um massacre e as imagens televisivas deste, é necessário uma reacção de supresa e repúdio da comunidade internacional para abrirmos os olhos, ainda que timidamente, alguns dias após os acontecimentos.

Timor está a muitos milhares de quilómetros, e nós pobre povo eleito até vivemos em paz e relativa estabilidade. Assim é fácil esquecer que um povo sofre e morre por

nossa culpa. É fácil esquecer!

Contudo, o caso de Timor é uma vergonha nacional! Portugal tem no mínimo o dever moral de auxiliar a guerrilha timorense! Pelo que esperamos? Por mais massacres?

O nosso nacional pedantismo diz que o 25 de Abril de 1974 foi uma revolução sem sangue, esquecendo que a forma como foi conduzido permitiu a morte de milhares de pessoas não só em Timor mas também em África!

Tenhamos vergonha, não podemos continuar a dormir! Não podemos ficar de braços cruzados quando o Vaticano, que tanto tem lutado pelos direitos humanos, neste caso reconhece a indexação tornando-se um observador passivo da aniquilação do Povo Maubere!

José Carlos Almeida

IT'S A SONY

É belo ver a comoção da Senhora Alzira frente às trágicas imagens de Timor. Nessa noite a carne assada não lhe soube ao habitual, trazia como que um leve travo a Timorense sob o Napalm. Bem, carne é carne e a Srª. Alzira tem que se manter.

É mais belo ainda uma manifestação, uma recolha de assinaturas, uma vigília, melhor quando são participadas e as pessoas se mostram interessadas e sinceramente chocadas.

É bonito uma edição especial de uma folhita académica transbordando de sentidas indignações.

No entanto, algumas interrogações. Porquê tanta indignação agora quando morreram algumas centenas, o que é sem dúvida trágico fique claro, e tanta indiferença pelos quotidianos massacres sofridos pelo Povo Maubere? Indiferença que já custou 400 mil mortes aquando da invasão e anos seguintes. Um genocídio e a repressão de uma manifestação como todos os dias acontece em Salvador, na África do Sul ou na Coreia.

A diferença é simples, desta vez estava lá a televisão e, pior ainda, horror dos horrores, sacrilégio entre os sacrilégios, dois jornalistas norte-americanos (entre outros ocidentais de menor cotação) levaram umas coronhadas.

Aí, alto lá! O Sr. Bush, do alto do seu cadeirão (será branco?), ficou também ele (finalmente, Hossanas ao Senhor) indignado. Baterem nos meus repórteres! Com as minhas M16! À frente da televisão! O Suharto ensandeceu! Vou já redigir um protesto simbólico.

Não foi o único a lembrar-se do expediente. Na ONU choveram os protestos, os manifestos, as cartas comoventes das mais altas personalidades. Por entre baba e ranho o digníssimo Ali Alatas chora agora

a estofada cadeira de Sec. General da ONU para sempre perdida. Entretanto a Austrália cora de embraço e lá terá que protestar também; a Holanda, civilizada entre os civilizados, eterna defensora da Indonésia face à CEE (Colonatio oblige), lá juntará o seu discreto protestozito. De Portugal então vinham aos milhares, até uma cidadezita ao pé de um rio, da qual constava que tinha tido uma Universidade em 1800, fez uma séria manifestação de protesto.

A potência administrante acorda do seu torpor de 16 anos, no qual o facto de maior relevância tinha sido a preparação da visita de uma delegação parlamentar com a missão de relatar o que já se sabia, e protesta em coro bem orquestrado de lugares comuns.

A Indonésia, a Indonésia fica bem encolhidinha no seu canto. Suharto sabe bem que depois da vaga vem o refluxo e que estas coisas fazem parte da vida.

O mexilhão...

A., 22 anos, estudante como nós.

Estamos em pleno ano da graça de 1992, bendita seja Sua Santidão, um rectangulozinho à beira-mar plantado comemora ainda por entre bolhas de champagne a sua entrada no mundo civilizado dos Mercedes, da Hugo Boss e do Calvin Klein. Hoje, um soldado Indonésio olhou para A. na rua, calmamente aproximou-se, lentamente, sem pressas, apagou o cigarro já no fim na testa, baixa, de A.. Languidamente, sob o calor tropical um escarro tombou na camisa suada de A., seguido de um brutal pontapé e um sonoro "Mexete".

A. ergueu-se, o soldado já lá não estava, entre soluços reprimidos e lágrimas contidas, os dentes cerrados da raiva acumulada A.



seguiu o seu caminho.

Um dia qualquer, um episódio banal.

Em Timor-Leste.

Também por cá se grita a raiva acumulada, eu ainda posso escrever, as manifestações ainda se podem organizar. Chocante seria que as pessoas não se mostrassem sensibilizadas, que as manifestações de repúdio não existissem, que a Dona Alzira não sentisse um engulho na garganta face às imagens trágicas que nos chegam de uns antípodas outrora nossos.

Trágico, quase tanto como o Holocausto Timorense, é o facto de nada disto valer algo. De não valer nada toda a boa vontade e indignação das pessoas, de não valer nada a condenação unânime por parte dessa entidade mísica denominada opinião pública, de não valerem nada os protestos veementes da comunidade internacional.

A política internacional, a Real Politik, não se faz disto. Conhece petróleo (bastante), armas, vendas, mercados e equilíbrios geoestratégicos, nunca ouviu falar

de pessoas, sangue e sofrimento.

Quem pensar o contrário é ingênuo.

A ditadura Indonésia há-de cair, Timor um dia será livre. Não se ficará concerteza a dever aos protestos simbólicos, à pressão internacional, ou à indignação estéril de um Portugal saudosista que nada fez e pior que cobarde, indiferente abandonou os Timorenses à sua sorte.

Quando Suharto e a sua pandilha de generais corruptos caírem, será por força do basta dos Indonésios, que não são todos assassinos de dentes podres, será por força da vontade firme e mil vezes sacrificada dos Timorenses, que já demonstraram mais do que o suficiente o seu querer ser livre.

Algumas coisas se perderão pelo caminho, a crença ingênuas num Portugal impotente e mais alguns milhares de vidas.

Mártires sem nome de uma causa justa.

João F. Saraiva

José Diogo

um dia
quando ainda me lembro
não havia onde voltar

o espaço da casa
inventado de luz
correu num adeus amordaçado
não se sabia
da alma dos poetas
eles reuniram-se,
práticos
como burocratas
inventaram um manifesto
em seis pontos
e escreveram-no em voz alta

Cada poeta à última letra
levantou-se e saiu

em cada caminho
ficaram sóis
em cada bolso
as cópias

(o resultado político
de todas as tendências
obrigava ao desencanto
melódico)

Som de passos
guiava o regresso a casa
cada algibeira rebentava
de adjetivos
de direitos
de liberdade

dos poetas
tinha ficado
em flor
um poema sinuoso de desencanto

deles homens
ficaram
adiadas
lágrimas quase póstumas
faltava um beijo

E na voz impossível do papel
o homem/poeta rasgou
todas as linhas do consenso

disse baixinho o princípio
t i m o r
rebentou-lhe a raiva
fechou os olhos e gritou

FILHOS DA PUTA !!!

(entretanto no vaticano
considerava-se a hipótese
de mais tarde, depois de ouvidas
todas as partes
poder tomar-se uma posição)

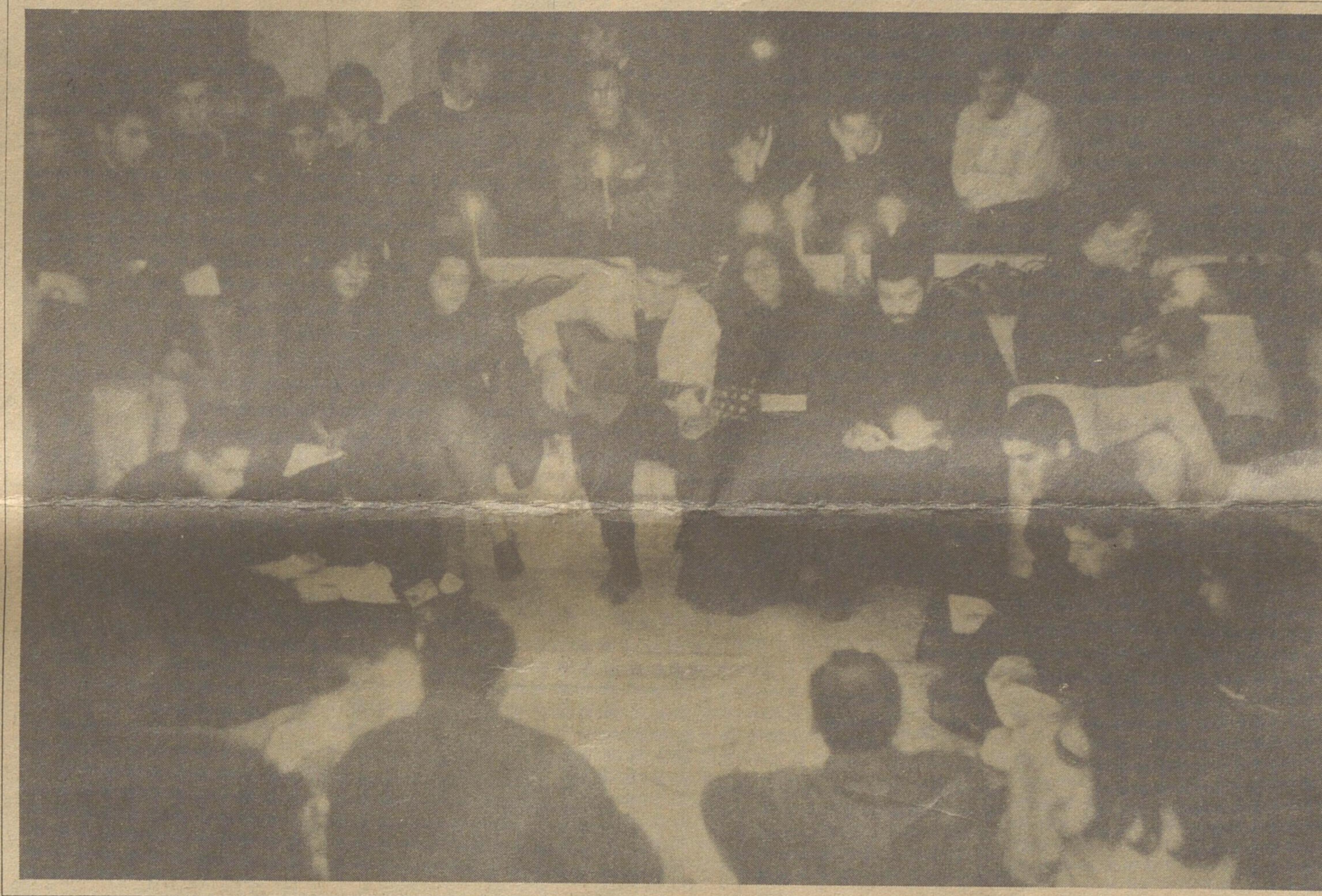
amen

Portugal adormeceu em estado de choque na passada segunda-feira. Os pachorrentos portugueses viram-se "invadidos" pelas aterradoras imagens que a RTP nos serviu como sobremesa depois de mais uma janta na companhia dos nossos e com a graça de Deus.

As imagens que a "nossa" RTP transmitiu, e que puseram a nu toda a brutalidade e crueldade da ocupação indonésia, e os acontecimentos que lhe sucederam, constituem um pau de dois bicos para Portugal e para todos os portugueses. É que passado o instantâneo trágico do visionamento das imagens do massacre indonésio aos timorenses uma pertinente questão se levanta. Portugal ficou em estado de choque com a chacina de 100 timorenses. De facto não é tolerável o que sucedeu, não é tolerável a arrogância dos indonésios para com os martirizados timorenses. Mas o massacre não aconteceu no dia 18 de Novembro, dia em que os portugueses viram, sentados na sala de estar, o Telejornal. As imagens reportavam-se ao dia 12 do corrente mês. Até então a nossa indiferença era manifesta. Mas o terror do povo de Timor também não começou no dia 12. Começou há mais de 15 anos. Morreram desde então não cem, mas duzentos mil timorenses. Duzentas mil vidas que clamam há 16 anos pela solidariedade e ajuda de um povo que só agora despertou para uma triste realidade. Não adianta agora dizer que a questão de Timor é supra-nacional. Não adianta dizer que a comunidade internacional é hipócrita porque resolveu rapidamente o caso do Kuweit e teima em prolongar o sofrimento dos timorenses. É hipócrita que hoje os portugueses se sintam no direito de afirmarem tal coisa, e se arvorarem agora em piedosos.

A questão não é fácil de digerir e muito menos para uma nação de brandos costumes. Todos sabemos que os portugueses são um povo simpático, de grande hospitalidade (nice people), e um povo solidário. Solidariedade! Que solidariedade é essa que necessitou que um inglês arriscasse a pele para que o mundo inteiro visse o terror de um povo em vias de extinção? Que solidariedade é esta que precisou de alguns minutos de imagens televisivas para decretar o luto nacional? Que solidariedade é esta que esteve 16 anos silenciada perante a chacina de duzentos mil timorenses que caíram na luta contra o invasor, contra os

A COMODIDADE DE SER SOLIDÁRIO



assassinos indonésios? A questão é legítima. Se os indonésios tivessem apreendido as imagens que todos pudemos ver, quando seria decretado o luto nacional? Quando se ouviria falar tanto de Timor—Leste? Depois das imagens, é fácil ser-se solidário, a Europa e o mundo exigiram isso de nós. Mas a questão agora agudizou-se. Não é só de solidariedade que o povo de Timor precisa. Os timorenses precisam de aliados na sua cruzada contra a Indonésia. A questão ultrapassa já a Declaração dos Direitos do Homem. O povo Maubere, o povo de Timor—Leste, já deu mais do que provas de quanto quer e quanto está disposto para conseguir o direito à sua auto-determinação. Solidários somos todos. Quem é que primeiro se irá levantar da cômoda solidariedade e avançar

com a ajuda de que os timorenses reclamam?

Esperamos todos, sinceramente, que os EUA recuem na sua posição de aliado indonésio e que se apercebam quanto antes da hipocrisia e mediocridade da sua atitude de pactuar com a chacina de um povo, eles que agora são os Todos—Poderosos da nova ordem internacional. Mas será, sinceramente, que é legítimo esperarmos que os americanos resolvam os nossos traumas, nos limpem a consciência, para que então, eivados de uma súbita alegria, possamos gritar o quanto fomos importantes em todo este processo? Será que só servimos para sermos solidários, ainda que com 16 anos de atraso? Será que só servimos para a diplomacia? Então e quando esta não resultar? Então e quando for

preciso morrer? Será que também desta vez nos vamos encolher no fim da bicha e dizer "— Vão vocês que são fortes, vão vocês...". Pois é, os americanos é que são os maus, a comunidade internacional é que é hipócrita. Nós... nós somos os solidários.

Muita tinta irá ainda correr sobre o genocídio do povo timorense. Os mass media, felizmente, não se cansam de nos agitar as consciências. As imagens da passada segunda-feira não se esquecem facilmente, não tanto pela morte, não tanto pelo sofrimento, infelizmente essas vêm-las quase todos os dias, vindas da Jugoslávia. O trágico, o que realmente nos colocou a todos em estado-de-choque, foi o vermos jovens e cri-

anças a morrerem, sob os "milhares de balas" dos indonésios, tendo como "pano de fundo" um coro de vozes que por entre as campas do Cemitério de Santa Cruz rogavam: "Santa Maria, Mãe de Deus/ Rogai por nós pecadores/ Agora e na hora da nossa morte. Amen.". O que nos abalou naquela santa noite de Novembro foi o visionar um drama chorado e sentido em português.

Então, e o que respondemos nós ao apelo dramático feito por aquele jovem timorense que, na manifestação que "motivou" o massacre, dizia aos portugueses "— Venham, porque o sangue que escorrerá é o nosso!?"? Que idade teria aquele rapaz? Demasiada, se contarmos o sofrimento, a dor, e porque não a coragem. A coragem de enfrentar um pelotão assassino apenas porque se acredita em valores como a liberdade e a auto-determinação. Será que depois do sofrimento a que todos pudemos assistir ainda alguém ousará fazer alarde do slogan "Coragem de ser solidário". Céus! Coragem temos nós em "arredarmos do nosso sono o pesadelo de Timor".

Uma coisa é certa. O povo timorense não desistirá do seu ideal, da sua bandeira. Não desistirá do seu direito à auto-determinação. Após o massacre do dia 12, outros massacres aconteceram, em Jacarta, estudantes universitários timorenses foram presos por se manifestarem contra a repressão do seu povo. O problema é saber quanto tempo restará ao povo de Timor para resistir, até que Portugal e a comunidade internacional despertem para a necessidade de uma rápida intervenção militar que ponha termo ao genocídio do povo de Timor—Leste. É bom que não esqueçamos as palavras sábias de Vicente Jorge Silva: "O luto que Portugal vestir sobre os mortos de Timor pode ser também o símbolo de outro luto mais vasto, denunciando o nosso conformismo e a nossa indiferença pela desordem sangrenta do mundo".

José de Albuquerque

A CABRF

ABERTURA DAS AULAS
Universidade a conta gotas
Miragem das verbas

AUMENTO DAS CANTINAS
Polémica em torno dos
lucros das cantinas

FACULDADES
Notícias de todas as faculdades

REPÚBLICAS
A caça ao Subsídio

DESPORTO
ABRIOSA apresenta-se

SUPLEMENTO
—Agarra que é caloiro
—onde se destaca o jogo
—A Besta no seu Labirinto", e o Jockers
—30 Anos do TAGV

NOVEMBRO 91
ANO II
Nº 5
PREÇO 100\$00

A CABRF

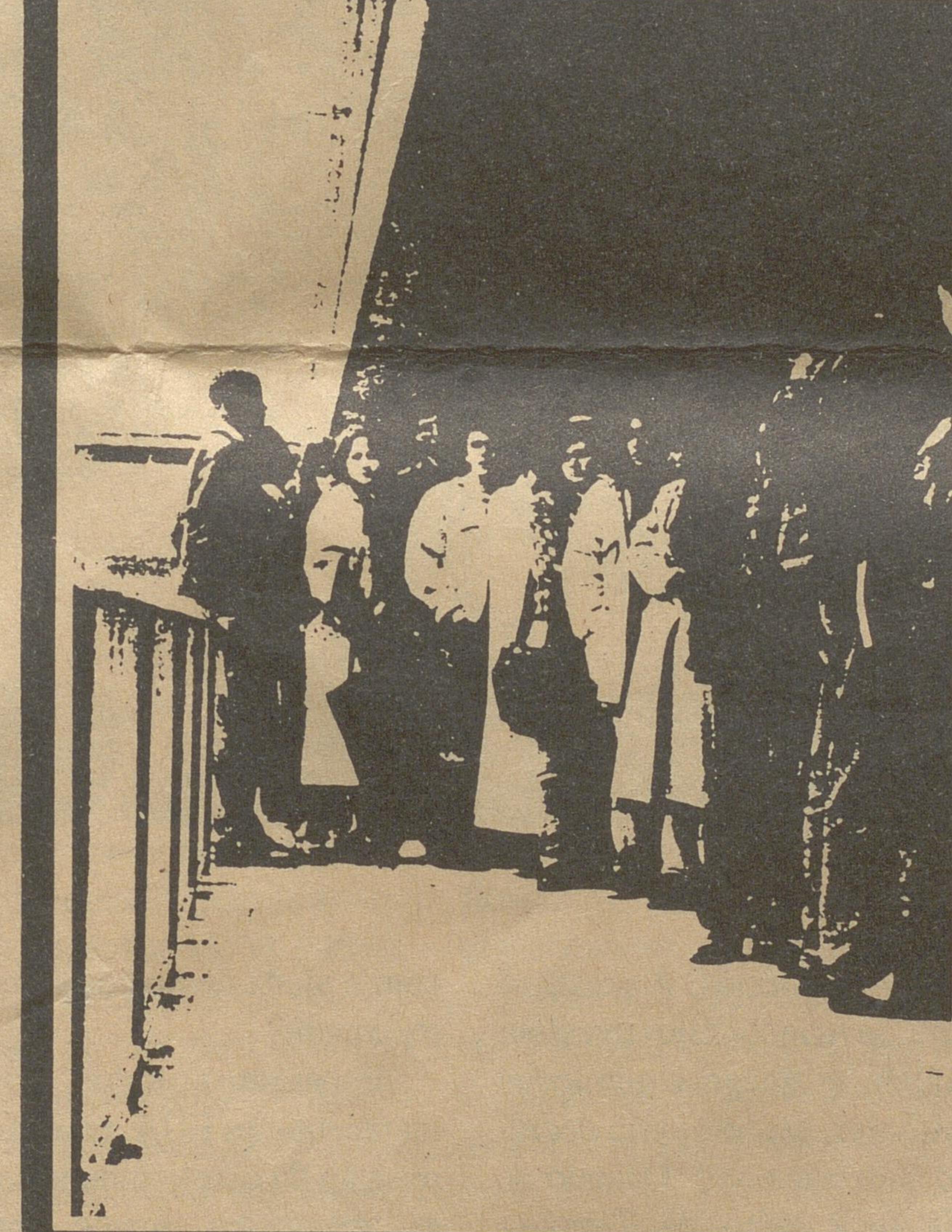
SUPLEMENTO
AGARRA
QUE É
CALOIRO

DIRECTOR: JOSÉ DE ALBUQUERQUE

DIRECTOR AJUNTO: TERESA GOMES

CANTINAS DÃO LUCRO

Afirmação Polémica do responsável
dos Sociais na DG/AAC

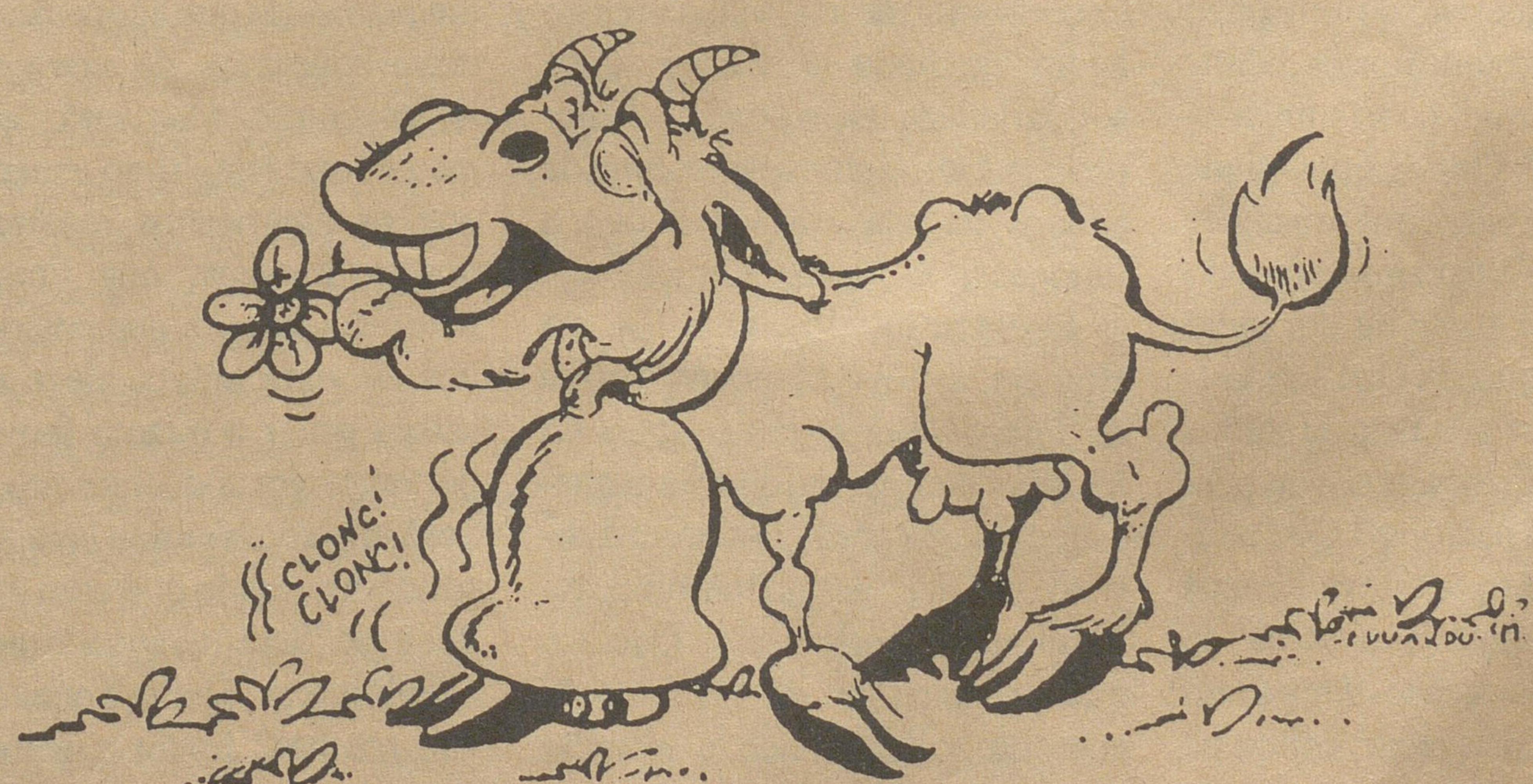


UNIVERSIDADE DE COIMBRA



"Uma moedinha, ó sócio!"

Morituri
te
salutant!



AI TIMOR / CÁLAM-SE AS VOZES / DOS TEUS AVÓS / AI TIMOR / SE OS OUTROS CALAM / CANTEMOS NÓS

(TROVANTE/90)